VERSO E REVERSO

J. DE ALENCAR

VERSO E REVERSO

COMEDIA

EM DOIS ACTOS

SEGUNDA EDICÇÃO

REVISTA PELO AUTOR

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ. — GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1864

VERSO E REVERSO

COMEDIA

Representada no Gymnasio pela primeira vez em 28 de Outubro de 1857.

DISTRIBUIÇÃO:

ERNESTO.	Os Srs.	P. Joaquim
TEIXEIRA.		Vianna.
AUGUSTO.		Montani.
CUSTODIO.		Graça.
PEREIRA.		Martins.
HENRIQUE.		Paiva.
FELIPPE.		Freitas.
BRAGA.		Torquato.
JULIA.	As Sras.	Adelaide.
D. LUIZA.		J. Noronha.
D. MARIANNA.		N.

Um Caixeiro de loja.

Um Menino que vende phosphoros.

Uma Menina de realejo.

A scena é na cidade do Rio de Janeiro e contemporanea.

VERSO E REVERSO

ACTO PRIMEIRO

Uma loja da rua do Ouvidor.

SCENA PRIMEIRA

ERNESTO, BRAGA, depois UM MENINO que vende phosphoros.

ERNESTO, entrando de um salto.

Apre! É insupportavel! Não se póde viver em semelhante cidade; está um homem sujeito à ser empurrado por todos esses meus senhores, e esmagado a cada momento por quanto carro, carroça, carreta ou carrinho

anda nestas ruas. Com effeito é uma familia... Desdé o omnibus, o Noé dos vehiculos, até o *coupé* aristocratico e o tilbury plebeu!

BRAGA, dobrando as fazendas.

É porque o senhor ainda não está habituado.

O MENINO, dirigindo-se a Ernesto.

Phosphoros! Phosphoros! Inalteraveis e superiores!... (A Braga.) Phosphoros, Sr. Braga!

ERNESTO.

Deixe-me, menino!

O MENINO.

Excellentes phosphoros de cêra a vintem!

ERNESTO, a Braga.

Oh! que massada! Deixe-me! (O menino sahe.) Esta gente toma-me naturalmente por algum accendedor de lampeões; entendem que vim ao Rio de Janeiro unicamente para comprar phosphoros. Já não me admira que haja aqui tantos incendios. (Senta-se junto do balcão; uma pausa.) Como as cousas mudão vistas de perto! Quando estava em S. Paulo o meu sonho dourado era ver o Rio de Janeiro, esse paraiso terrestre, essa maravilha de luxo, de riqueza e de elegancia! Depois de tres annos de esperanças consigo emfim realizar o meu desejo: dão-se as ferias, embarco, chego e soffro uma das mais tristes decepções da minha vida. Ha oito dias apenas que estou na côrte e já tenho saudades de S. Paulo. (Ergue-se.)

BRAGA.

O Sr. não escolhe alguma cousa? Presentes para festas, o que ha de mais delicado; perfumarias...

ERNESTO.

Obrigado!

SCENA II

OS MESMOS, FELIPPE.

FELIPPE, a Ernesto.

Vinte contos, meu caro senhor! Anda amanhan a roda! Vinte contos!

ERNESTO.

Agradeço; não estou disposto.

BRAGA.

Oh! Sr. Felippe!

FELIPPE.

Quer um bilhete, um meio ou um quarto? Vigesimos... Tambem temos.

ERNESTO, passeiando.

Nada; não quero nada.

FELIPPE.

Bom numero este; premiado tres vezes! Mas se prefere este...

ERNESTO.

Já lhe disse que não preciso dos seus bilhetes.

FELIPPE.

Pois engeita? A sorte grande? Olhe não se arrependa!

ERNESTO.

A sorte grande que eu desejo é vêr-me livre de sua pessoa!

FELIPPE, baixo a Braga.

Malcreado!

BRAGA, baixo a Felippe.

É um provinciano! (Felippe sahe.)

ERNESTO.

Emfim! Estou livre deste! Que terra!... É uma perseguição constante. (Passeia.)

SCENA III

ERNESTO, BRAGA, AUGUSTO.

AUGUSTO.

Oh! (Examinando Ernesto.) Será algum accionista?... Vejamos! Tratemos de entabolar relações!

ERNESTO, tira o relogio.

Já duas horas! Uma manhan inteiramente perdida.

AUGUSTO, cumprimentando.

O Sr. faz-me o obsequio de dizer que horas são?

ERNESTO.

Como?

AUGUSTO.

Que horas tem no seu relogio?

ERNESTO.

Ah! desculpe; está parado. (Baixo a Braga.) É o que faltava! servir de torre de igreja aqui ao Sr.

AUGUSTO, a Braga.

Decididamente é accionista! Que diz? Tem-me ares de lavrador; são pelo menos vinte acções. Justamente as que me faltão para completar as cem que vendi. A dez mil réis de premio... (Corre atraz de um homem que passa no fundo da loja.) Olá cio!... Aquellas trinta não quer vender?... Dou lhe sete!...

ERNESTO, a Braga.

Que extravagante! Vê-se cada figura neste Rio de Janeiro! (Senta-se e tira um charuto.) Ora deixe-me experimentar um dos taes phosphoros de cêra. (Accende o charuto.)

BRAGA.

Ahi vem o homem outra vez. (Ri-se.)

AUGUSTO, voltando.

O Sr. faz-me obsequio do seu fogo?

ERNESTO, a Braga.

Ainda! Isto não tem geito.

AUGUSTO, tomando o charuto.

Com licença! Creio que não me enganei; o Sr. è um dos contemplados; trinta pelo menos...

ERNESTO, a Braga.

Estou quasi offerecendo-lhe uma caixa de phosphoros.

AUGUSTO, dando o charuto.

Obrigado! Volto para a Praça que está hoje animada.

ERNESTO.

Estimo muito.

AUGUSTO.

Se quer vender as suas acções, não perca a occasião.

ERNESTO.

Vender as minhas acções?

AUGUSTO.

Sim, Sr.; acredite no que lhe digo; não valem mais do que cinco mil réis é já são bem pagas.

ERNESTO.

O Sr. quer brincar naturalmente!

AUGUSTO.

Não brinco em negocio. Para encurtar razões dou-lhe seis mil réis. Quer? Aqui estão. Quantas tem?

ERNESTO, a Braga.

Deste genero ainda não tinha encontrado! É peior do que os taes cambistas de loterias. (Passeia.)

AUGUSTO.

Então que decide?

ERNESTO.

Nada, Sr.

AUGUSTO.

Acha pouco? Tenho mais baratas; porém para concluir dou-lhe seis e quinhentos... Sete, pagando a corretagem.

ERNESTO.

Pelo que, Sr.?... Disse-lhe que desejava vender alguma cousa para que o Sr. esteja a massar-me ha meia hora, offerecendo-me preços?

AUGUSTO.

Não me disse; mas eu adevinhei. Nós cá, homens habilitados ao negocio, não precisamos que nos digão as cousas. Apenas o vi, descobri logo que era accionista...

ERNESTO.

O que? Accionista?...

AUGUSTO.

Sim; que tinha sido contemplado na distribuição das acções da Estrada de Ferro, na qualidade de lavrador naturalmente; por isso offereço-lhe os meus serviços.

ERNESTO.

E o que é o Sr.?

AUGUSTO.

Corretor de fundos e mercadorias; incumbo-me de todas as transacções de credito e cambio, como saques, descontos...

ERNESTO.

Pois, meu Sr., sinto dizer-lhe que nem sou accionista, nem fui contemplado em distribuição de cousa alguma.

AUGUSTO.

Devéras?

ERNESTO.

Dou-lhe minha palavra.

AUGUSTO.

Basta; ás suas ordens. (A Braga.) Levei um logro! uma transacção magnifica! Tambem não sei onde estava com a cabeça! Devia vêr logo que este sujeitinho não tem a cara respeitavel de um accionista! (Vai sahir pelo fundo.)

ERNESTO.

Que diabo de profissão é a que exerce este buscapé vestido de paletot?

BRAGA.

Creio que é um corrector.

ERNESTO.

Fico-o conhecendo.

Augusto sahindo encontra Custodio que entra.

SCENA IV

OS MESMOS, CUSTODIO.

CUSTODIO.

Passou bem, Sr. Augusto? Que ha de novo?...

AUGUSTO, rapido.

Cambio 27 1/2; juros 9 e 10 °/₀; cotação official. Acções — vendas animadas; Estrada de Ferro, dez, bastante procuradas. Tem Estrada de Ferro?...

CUSTODIO.

Dizem que o ministerio não está seguro?...

AUGUSTO, rapido.

Seguro monstro — estacionario. Banco do Brasil — 102; Hypothecario 205 — mercado regular, poucas vendas. Mangaratiba — frouxo; Paquetes e Gaz — oscillão; Rua do Cano — baixa completa, desconto.

CUSTODIO.

Então não diz nada a respeito da politica?

AUGUSTO.

Digo que tome o meu conselho; Estrada de Ferro, Estrada de Ferro, e largue o mais. Adeus: vou concluir uma operação importante. (Sahe.)

ERNESTO, a Braga.

Eis como se diverte um homem aqui na côrte, olhando

para o tempo e soffrendo as massadas de todos estes importunos! Oh! os Srs. folhetinistas com os seus contos de mil e uma noites são os culpados do que me acontece! Quem os lê e quem vê a realidade!

SCENA V

ERNESTO, CUSTODIO.

CUSTODIO.

Muito bom dia?

ERNESTO.

Viva, senhor! (A Braga.) Eis um sujeito que me conhece, mas que naturalmente nunca me viu.

CUSTODIO.

Que ha de novo?

ERNESTO.

E esta? O senhor não leu os jornaes?

CUSTODIO.

Passei apenas os olhos... (Senta-se.)

ERNESTO.

Pois eu nem isto. (A Braga.) Pensa este senhor que sou algum almanack de noticias? Achou-me com cara de boletim?

CUSTODIO.

Que calor que está fazendo. Creio que teremos mudança de tempo. O senhor não acha?

ERNESTO.

Vou ver, depois lhe direi.

Vai sahir, encontra-se com Henrique que entra.

SCENA VI

OS MESMOS, HENRIQUE.

HENRIQUE.

Ernesto! Oh! Quando chegaste?

ERNESTO.

Adeus; como vais, Henrique?

HENRIQUE.

Perfeitamente, e tu? Alegro-me muito em ver-te por aqui.

ERNESTO.

Não esperava ter o prazer de te encontrar.

HENRIQUE.

Desembarcaste hoje mesmo?

ERNESTO.

Não; ha oito dias.

HENRIQUE.

Como deixaste S. Paulo?

ERNESTO.

No mesmo estado.

HENRIQUE.

É verdade; aproveito a occasião para pedir-te um pequeno obsequio.

ERNESTO.

Estou ás tuas ordens.

HENRIQUE.

Chegaste ha pouco, e naturalmente deves ter curiosidade de ver os nossos theatros; aceita este bilhete, é do beneficio de um habil artista.

ERNESTO, com ironia.

Ora, meu amigo, ès tu que me fazes o obsequio: obrigadissimo.

HENRIQUE.

Onde estás morando?

ERNESTO.

No hotel de Botafogo.

HENRIQUE.

Sei; adeus. Havemos de nos ver.

ERNESTO.

Sim; quando quizeres.

HENRIQUE, sahindo, passa por Custodio.

Tem passado bem, Sr. Custodio?

CUSTODIO, levanta-se.

Bem, obrigado. Que ha de novo?

HENRIQUE.

Quer ficar com um bilhete do beneficio de...

CUSTODIO.

Nada. Ha vinte annos não frequento os espectaculos; no meu tempo...

HENRIQUE, rindo-se.

Frequentava o theatrinho de bonecos! (Sahe.)

CUSTODIO.

Criançola!

SCENA VII

ERNESTO, CUSTODIO.

ERNESTO, mostrando o cartão.

Mais uma bucha!

CUSTODIO.

Pois cahiu?

ERNESTO.

Está me parecendo que esta gente não faz outra cousa

desde o principio até o fim do anno senão beneficiar-se mutuamente; mas beneficiar-se desta maneira! Proudhomme que definiu a propriedade um roubo legitimado pela lei, se viesse ao Rio de Janeiro, não podia deixar de definir o beneficio um estellionato legitimado pela sociedade. A' pretexto de theatro e de baile um amigo abusa da nossa confiança e nos toma cinco ou dez mil réis contra a nossa vontade.

CUSTODIO.

Pensa muito bem! O governo é o culpado...

ERNESTO.

Dos beneficios?

CUSTODIO.

De tudo!

Entrão Henrique e Pereira.

SCENA VIII

OS MESMOS, HENRIQUE, PEREIRA.

HENRIQUE.

Meu amigo, desculpa; não pude deixar de voltar para ter o prazer de apresentar-te o Sr. Pereira, um dos nossos poetas mais distinctos.

PEREIRA.

É bondade de meu amigo!

CUSTODIO, a meia voz.

Que firma!

ERNESTO.

Ah! O Sr. é poeta! Estimo muito conhecel-o: tenho uma grande sympathia pelos poetas, embora nunca na minha vida conseguisse fazer um verso.

PEREIRA.

Isto não quer dizer nada; Chateaubriand é um grande poeta e escreveu em prosa.

HENRIQUE.

Meu amigo, nós não queremos tomar-te o tempo. O Sr. Pereira vai publicar um volume de suas primeiras poesias e espera que tu, que és amante da litteratura, protejas essa publicação.

ERNESTO.

Tu pedes, Henrique, não posso recusar.

PEREIRA.

Submetto á consideração de V. S. o programma da assignatura. Um bello volume in-8° francez, de cem paginas, 5$000 no acto da entrega. Não exijo adiantado.

ERNESTO.

Mas não ha necessidade de demorar uma cousa que póde ficar já concluida. (Tira a carteira.)

PEREIRA.

V. S. ordena...

HENRIQUE.

Tomas duas ou tres assignaturas?

ERNESTO.

Uma basta, Henrique; sabes que a minha fortuna não está á par do meu gosto pela litteratura.

PEREIRA.

É sempre assim; os grandes talentos são ricos de intelligencia, mas pobres desse vil objecto a que se chama dinheiro. (Recebe a nota.) Muito obrigado, Sr...

ERNESTO.

Não tem de que.

Entra D. Luiza.

SCENA IX

OS MESMOS, D. LUIZA.

D. LUIZA.

Perdão, meus Srs.; tenhão a bondade de lêr este papel.

HENRIQUE, finge não ouvir.

Até logo, Ernesto.

PEREIRA, a Ernesto.

Tive muito prazer em conhecer a V. S...

D. LUIZA.

Uma pobre viuva! Meu marido...

PEREIRA.

Se poder servir-lhe para alguma cousa...

ERNESTO.

Igualmente!

HENRIQUE, a Pereira.

Vamos; tenho pressa.

D. LUIZA.

Então, Srs.! Qualquer cousa...

PEREIRA.

A's suas ordens. (Sahe.)

D. LUIZA.

Não lê?

HENRIQUE.

Adeus, adeus. (Sahe.)

SCENA X

ERNESTO, CUSTODIO, D. LUIZA.

ERNESTO, a Custodio.

Que papel será esse que aquella Sra. pede com tanta instancia para lêr? Talvez alguma noticia importante?

CUSTODIO, levantando-se.

Com sua licença.

D. LUIZA, a Custodio, apresentando o papel.

O Sr. faz obsequio?...

CUSTODIO, sahindo.

Esqueci os oculos em casa. (Sahe.)

SCENA XI

ERNESTO, D. LUIZA, depois BRAGA.

D. LUIZA.

V. S. ao menos me fará a caridade!

ERNESTO.

Deixe vêr. Ah! uma subscripção! Por isso é que os taes amigos se pozerão todos ao fresco, fazendo-se desentendidos; um tinha pressa, o outro esqueceu os oculos. Desculpe, minha Sra.; não posso dar nada; tenho feito muitas despezas.

D. LUIZA.

Pouco mesmo que seja; tudo serve. É para fazer o enterro do meu pobre marido que expirou esta noite e deixou-me ao desamparo com oito filhinhos...

ERNESTO.

Pobre mulher! Para esta não ha um beneficio! Mas diga-me, seu marido nada possuia? A Sra. não tem parentes?

D. LUIZA.

Nem um; não tenho ninguem de quem me valer. Acredite, Sr., que para chegar a este estado de recorrer á piedade dos que não me conhecem, foi preciso vêr meus pobres filhinhos nús, e chorando de fome, os coitadinhos.

BRAGA, dentro do balcão.

Temos choradeira!

ERNESTO.

Corta o coração, não acha? Tome, minha Sra.; sinto não poder dar mais; porém não sou rico. (Dá uma nota.)

D. LUIZA.

Cinco mil réis!...

ERNESTO.

E esta! Nem se quer um obrigado; julga que não lhe fiz favor?

BRAGA.

Ora o Sr. ainda deixa-se lograr por esta gente?

ERNESTO.

E o Sr. não viu? Porque não me avisou?

BRAGA.

Não gosto de me intrometter nos negocios dos outros.

ERNESTO.

Boa moral!... Oh! mas esta não aturo.

Vai sahir correndo e encontra-se com Teixeira, Julia e D. Marianna que entrão.

SCENA XII

ERNESTO, TEIXEIRA, JULIA, D. MARIANNA, BRAGA.

ERNESTO.

Ah!...

JULIA.

Ernesto!

TEIXEIRA.

Bom dia, sobrinho.

ERNESTO.

Adeus, meu tio. D. Marianna... Como está, prima?

JULIA.

Boa, obrigada.

ERNESTO.

Anda passeiando?

JULIA.

Não; vim fazer algumas compras.

TEIXEIRA.

Julia, emquanto ficas vendo as fazendas com D. Marianna, vou á Praça e já volto.

JULIA.

Sim, papai; mas não se demore.

TEIXEIRA.

É um instante! (Sahe.)

BRAGA, fóra do balcão.

O que deseja V. Ex.?

JULIA.

Alguns cortes de musselina e barege.

BRAGA.

Temos lindissimos, do melhor gosto, chegados no paquete, da ultima moda; hão de agradar a V. Ex.; é fazenda superior.

JULIA.

Pois deite-os lá dentro que já vou escolher.

BRAGA.

Sim, Sra.; V. Ex. ha de ficar satisfeita. (Sobe a scena com D. Marianna.)

ERNESTO.

Como, prima! A Sra. já tem excellencia?

JULIA, sorrindo.

Aqui na côrte todo o mundo tem, Ernesto. Não custa dinheiro.

ERNESTO.

Entendo! Entendo! Mais esta singularidade para as minhas notas.

BRAGA, dentro do balcão a D. Marianna.

Sim, minha Sra.; tenha a bondade de esperar um

momento; já venho mostrar-lhe fazenda que ha de agradár-lhe.

Julia senta-se.

SCENA XIII

ERNESTO, JULIA, D. MARIANNA, depois BRAGA.

JULIA.

Diga-me, Ernesto, como tem achado o Rio de Janeiro?

ERNESTO.

Quer que lhe confesse a verdade, Julia?

JULIA.

De certo, primo; não ha necessidade de encobrir. Já sei que não gostou?

ERNESTO.

Ah! Se fosse só isto!

JULIA.

O que é mais então?

ERNESTO.

Sinto declarar; mas o seu Rio de Janeiro é um verdadeiro inferno!

D. MARIANNA.

Com effeito, Sr. Ernesto!

JULIA.

Não diga isto, primo.

ERNESTO.

Digo e repito; um verdadeiro inferno.

JULIA.

Mas por que?

ERNESTO.

Eu lhe conto. Logo que cheguei, não vi, como já lhe disse, no aspecto geral da cidade, nada que me impressionasse. Muita casa, muita gente, muita lama; eis o que ha de notavel. Porém isto não é nada; de perto é mil vezes peior.

JULIA.

E depois? Quando passeiou?

ERNESTO.

Quando passeiei? Por ventura passeia-se no Rio de Janeiro? O que chama a senhora passeiar? É andar um homem saltando na lama, como um passarinho, atropellado por uma infinidade de carros, e acotovelado por todo o mundo? É não ter um momento de socego, e estar obrigado a resguardar os pés de uma carroça, o chapéo de um guarda-chuva, a camisa dos respingos de lama, e o hombro dos empurrões? Se é isto que a senhora chama passeiar, então sim, admitto que se passeie no Rio de Janeiro; mas é preciso confessar que não são muito agradaveis esses passeios.

JULIA.

Já vejo que o primo não gosta da sociedade; é mais amigo da solidão.

D. MARIANNA, *no balcão vende fazendas.*

Pois em um moço admira.

ERNESTO.

Perdão, Julia; gosto da sociedade; com ser estudante de S. Paulo, não desejo passar por um roceiro. Mas quero estar na sociedade á minha vontade e não á vontade dos outros; quero divertir-me, olhar, observar; e não ser obrigado a responder a um sujeito que me pede fogo, a outro que me pergunta o que ha de novo, e a outro que deseja saber quantas horas são.

JULIA.

E a rua do Ouvidor? Que me diz? Não achou bonita? A' noite sobretudo?

ERNESTO.

Oh! não me falle na tal rua do Ouvidor! Se o Rio de Janeiro é o inferno, a rua do Ouvidor é o purgatorio de um pobre estudante de S. Paulo que vem passar as ferias na côrte.

JULIA.

Não o comprehendo, primo; é inteiramente o contrario do que dizem todos.

D. MARIANNA, sempre no balcão.

De certo; não ha quem não fique encantado!

ERNESTO.

Póde ser, D. Marianna, não contesto; os gostos são differentes; mas eu lhe digo os encantos que achei na

rua do Ouvidor. Apenas dei o primeiro passo, saltou-me um sujeito gritando á guelas despregadas : « Phosphoros! Phosphoros inalteraveis e superiores! A vintem! » Para me ver livre do tal menino tive de trocar uma nota e comprar um embrulho de caixas de phosphoros.

JULIA, rindo.

Mas para que comprou?

D. MARIANNA.

Não tinha necessidade...

ERNESTO.

Querião que andasse com aquelle pagem de nova especie a aturdir-me os ouvidos?... Porém não fica nisto; apenas vejo-me livre de um, eis-me com outro : « Vigesimos, quartos, bilhetes, meios e inteiros! Sorte grande! » Lá se forão dez mil réis.

JULIA.

Ainda? Foi tambem para se ver livre?

ERNESTO.

E porque estavão muitas pessoas que olhavão para mim, e não queria me tomassem por um pobretão.

JULIA.

Que ideia! Todos elles estão acostumados a isso, e não fazem caso.

ERNESTO.

Ainda não acabei. Dahi à pouco um beneficio do actor tal, uma subscripção para isto, um cartão de baile das

sociedades de beneficencia de todas as nações do mundo. Emfim encontro um amigo que não me via ha tres annos, e o primeiro cumprimento que me dirigiu foi empurrar-me este bilhete e ainda em cima um volume de poesias que já paguei, mas que ainda não está impresso.

JULIA, *sorrindo.*

Abusão de sua boa fé, meu primo. É natural; ainda não conhece os nossos costumes; mas no meio de tudo isto, não vejo razão para desgostar-se tanto do Rio de Janeiro.

ERNESTO.

Pois eu vejo. Que quer dizer sahir um homem de casa para divertir-se, e voltar com as algibeiras cheias (*tirando*) de caixas de phosphoros, de programmas de espectaculos, de bilhetes de todas as qualidades, e de todas as côres, menos do thesouro; e além de tudo com a carteira vasia? Não, a Sra. pode achar muito boa a sua terra, mas eu não estou disposto a atural-a por mais tempo.

JULIA.

Que diz, primo?

ERNESTO.

Vou-me embora; amanhan sahe o vapor Josephina e eu aproveito.

JULIA.

Devéras, Ernesto? Não é possivel!

D. MARIANNA.

Não vê que está brincando?

ERNESTO.

Palavra de honra! Tenho pressa de dizer adeus á esta terra dos phosphoros, das loterias, e dos beneficios... Oh! dos beneficios sobretudo!...

JULIA.

Escute, meu primo. Admitto que essas primeiras impressões influão no seu espirito; que o Rio de Janeiro tenha realmente esses inconvenientes; mas vá passar um dia comnosco nas Larangeiras, e eu lhe mostrarei que em compensação ha muitas bellezas, muitos divertimentos que só na côrte se podem gozar.

ERNESTO.

Quaes são elles? Os passeios dos arrabaldes? — Um banho de poeira e de suor. Os bailes? — Um supplicio para os calos e um divertimento só para as modistas e os confeiteiros. O theatro lyrico?—Uma excellente collecção de medalhas dignas do museu. As moças?... Neste ponto bem vê que não posso ser franco, prima.

JULIA.

Falle; não me importa. Tenho até curiosidade de saber o que pensa das moças do Rio. Falle!

ERNESTO.

Pois bem; já que manda, dir-lhe-hei que isto de moça é especie desconhecida aqui na côrte.

JULIA.

Como? Não sei o que quer dizer.

ERNESTO.

Quero dizer que não ha moças no Rio de Janeiro.

JULIA.

E eu o que sou?

ERNESTO.

Peior é esta! Não fallo dos presentes.

JULIA.

Bem; mas explique-se.

ERNESTO.

No Rio de Janeiro, prima, ha balões, crinolinas, chapéos á pastora, bonecas cheias de arames, tudo o que a Sra. quizer; porém moças, não; não posso admittir. Ignoro que haja no mundo uma degeneração da raça humana que tenha a cabeça mais larga do que os hombros; que carregue uma concha enorme como certos caramujos; que apresente emfim a forma de um *cinco*.

JULIA.

De um cinco? Que exquisitice é esta?

ERNESTO.

É a verdade. Olhe uma moça de perfil, e verá um cinco perfeito. O corpo é a haste fina, o balão é a volta, e o chapéo arrebitado é o côrte. (Apontando para o espelho fronteiro.) Olhe! Lá está um.

JULIA, voltando-se.

Aonde?

ERNESTO, rindo-se.

Ah! Perdão, prima, era a Sra.

JULIA.

Obrigada pelo cumprimento! (Senta-se.)

ERNESTO.

Ficou zangada commigo, Julia?

JULIA.

Não; zangada, porque?

ERNESTO.

Cuidei. (Uma pausa.)

JULIA.

A' vista disto o primo não viu no Rio de Janeiro nada que lhe agradasse?

ERNESTO.

Nada absolutamente, não; vi alguma cousa, mas...

JULIA.

Mas... Acabe!

ERNESTO.

O que me agrada é justamente o que não me peresgue, o que me foge mesmo.

JULIA.

Diga o que é?

ERNESTO.

Não posso... Não devo...

JULIA.

Ora quer fazer mysterio.

ERNESTO.

Pois bem; vai por sua conta; depois não se zangue. D. Marianna, faça que não ouve. São seus olhos, Julia!

D. MARIANNA.

Hêm!...

JULIA, corando.

Ah! Ernesto! Quer zombar de mim?

ERNESTO.

Olhe que eu não sou cá do Rio de Janeiro.

JULIA.

Não importa; mas é estudante.

ERNESTO.

Boa maneira de lembrar-me a minha humilde posição.

JULIA.

Primo, não interprete mal as minhas palavras.

ERNESTO.

Oh! Não pense que desconfio, não! Sei que um estudante é um animal que não tem classificação social; póde ser tudo, mas ainda não é nada. É uma letra de cambio que deve ser descontada pelo futuro, grande capitalista de sonhos e de esperanças. Ora as moças têm

medo do futuro, que para ellas quer dizer o cabello branco, a ruga, o carmim, o pó de arroz, et cœtera.

JULIA.

Isto são as moças vaidosas que só vivem de frivolidades, e eu creio, meu primo, que o Sr. não deve fazer esta idéa de mim; ao contrario...

BRAGA, adianta-se entre os dois.

Minha Sra., os córtes de vestidos estão ás ordens de V. Ex.

JULIA.

Já vou.

ERNESTO.

Adeus, Julia, lembranças a meu tio. D. Marianna...

JULIA.

Venha cá, Ernesto, espere por papai.

ERNESTO.

Não posso; adeus. (Sahe.)

SCENA XIV

JULIA, D. MARIANNA.

JULIA.

Não sei por que me interessa esse caracter original. Tenho-lhe amizade já, e apenas o vi ha oito dias, e com esta a segunda vez.

D. MARIANNA.

Ouviu o que elle disse?... Seus olhos...

JULIA.

Qual, D. Marianna, não creia. Cumprimentos de moço... Parte amanhã!...

D. MARIANNA.

Isto diz elle.

JULIA.

Ora, deixe-me escolher os vestidos. Vamos!

Entrão no interior da loja.

SCENA XV

FELIPPE, D. LUIZA.

D. LUIZA.

O Sr. tenha a bondade de ler este papel.

FELIPPE.

Vejamos. (Lê.) A Sra. é viuva então?

D. LUIZA.

É verdade; perdi meu marido; estou na maior desgraça; nove filhinhos dos quaes o maior não tem cinco annos.

FELIPPE.

Nesse caso nascerão de tres mezes como os cordeirinhos. Nove filhos em cinco annos!

D. LUIZA.

São gemeos, Sr.

FELIPPE.

Ah! tem razão! Foi uma ninhadasinha de pintos.

D. LUIZA.

O Sr. está zombando? Se não fosse a dôr de vêr os pobresinhos nús, chorando de fome, coitadinhos, não me animaria a recorrer á esmola das pessoas caridosas.

FELIPPE.

Fique certa que ellas não deixarão de amparal-a nessa desgraça.

D. LUIZA.

E o Sr.?... pouco mesmo...

FELIPPE.

Eu, minha Sra., não posso ser insensivel ao seu infortunio; a Sra. está justamente no caso de ser feliz Não ha desgraça que sempre dure. Só a sorte grande a póde salvar.

D. LUIZA.

Que diz, senhor?

FELIPPE, *tirando os bilhetes.*

Um meio, um quarto, um vigesimo! Não perca esta occasião; não regeite a fortuna que a procura.

D. LUIZA.

Ora, senhor! Não se ria da desgraça do proximo.

FELIPPE.

Eu rir-me da desgraça dos outros! Eu que vivo della!

D. LUIZA.

Estou quasi aproveitando os cinco mil réis de ha pouco.

FELIPPE.

Vamos, resolva-se.

D. LUIZA.

Está bom! Sempre compro um quarto.

FELIPPE.

Antes um meio.

D. LUIZA.

Não quero; ha de ser um quarto.

FELIPPE.

Aqui tem. (A meia voz.) E pede esmolas!...

Entra uma menina de realejo que pede a gorgeta com um pandeiro.

D. LUIZA.

Sai-te vadia! A policia não olha para estas cousas.

FELIPPE.

É verdade; não sei para que servem as autoridades.

D. LUIZA.

Deixão as pessoas honestas serem perseguidas por esta sucia de mendigos...

FELIPPE.

Que não têm profissão.

Sahem á direita; Julia, D. Marianna e Braga entrão do interior da loja.

SCENA XVI

JULIA, D. MARIANNA, BRAGA.

Braga traz uma caixa de córte de vestido.

D. MARIANNA.

São muito bonitos os vestidos; você soube-os escolher, Julia.

BRAGA.

A senhora tem muito bom gosto.

JULIA.

Mande deitar isto no meu carro.

BRAGA.

Vou eu mesmo. (Sahe pelo fundo.)

SCENA XVII

ERNESTO, JULIA, D. MARIANNA.

ERNESTO, entrando á direita todo enlameado.

Bonito!... Estou fresco.

D. MARIANNA, rindo.

Ah! ah! ah!

JULIA.

O que é isto, Ernesto?

ERNESTO.

O que vê, prima. A sua rua do Ouvidor pôz-me neste estado miseravel! Uma maldita carroça! Estupidos que não olhão para quem passa!

JULIA.

Foi uma vingança, primo; o senhor acabava de dizer mal do Rio de Janeiro.

ERNESTO.

E não tinha razão? Uma cidade de lama! Felizmente já mandei tomar a minha passagem.

JULIA.

Como! Sempre vai amanhan?

ERNESTO.

Que duvida! E até por segurança embarco hoje mesmo.

SCENA XVIII

OS MESMOS, TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

Que é isto! Fallas em embarcar. Para onde vais?

ERNESTO.

Volto para S. Paulo, meu tio.

JULIA.

Veiu-lhe agora esta idéa! Diz que não gosta da côrte, que é uma terra insupportavel...

D. MARIANNA.

Um inferno!

TEIXEIRA.

Caprichos de rapaz! Não ha cidade como o Rio de Janeiro. É verdade que já não é o que foi. Bom tempo, o tempo das trovoadas. Que diz, D. Marianna?

D. MARIANNA.

Tem razão, Sr. Teixeira.

ERNESTO.

Faço idéa! Se sem as taes trovoadas estou neste estado!

TEIXEIRA.

Não sabes o que dizes. As trovoadas é que nos preservavão da febre amarella, do cholera e de todas essas molestias que nos perseguem agora.

ERNESTO.

Não quero contrarial-o, meu tio; a sua côrte é bella, é magnifica, com ou sem trovoadas. Mas eu por causa das duvidas vou admiral-a de longe.

JULIA.

Já tomou passagem, papai; vai amanhan.

TEIXEIRA, a Ernesto.

Pois não! Julgas que consinto nessa loucura! Em falta de meu irmão, teu pai, eu faço as suas vezes. Prohibo-te expressamente...

ERNESTO.

Meu tio, é impossivel, moralmente impossivel...

TEIXEIRA.

Tá, tá, tá! Não me entendo com os teus palavrões de Academia. Eu cá sou homem de pão, pão, queijo, queijo; disse que não irás e está dito.

JULIA.

Muito bem, papai. (A Ernesto.) Não tem remedio senão ficar.

D. MARIANNA.

E não se ha de arrepender.

ERNESTO.

Meu tio, previno-lhe que se me obriga a ficar nesta terra, suicido-me.

JULIA.

Ah! Ernesto.

D. MARIANNA.

Que rapaz cabeçudo!

TEIXEIRA.

Fumaças! Não fação caso.

ERNESTO.

Ou me suicido, ou mato o primeiro massante que vier importunar-me.

TEIXEIRA.

Lá isto é negocio entre ti e a policia. (Tira o relogio.)

Quasi tres horas! Vamos D. Marianna, Julia... Ande, Sr. recalcitrante, ha de jantar hoje comnosco.

JULIA, a Ernesto.

Bravo! Estou contente, vou vingar-me.

ERNESTO.

Tres mezes nesta terra! Meus tres mezes de ferias do quinto anno, que eu contava fossem tres dias de prazer! Vão ser tres seculos de aborrecimento.

JULIA, da porta.

Ernesto, venha!

ERNESTO.

Lá vou, prima!

Vai sahir e encontra Custodio que entra.

SCENA XIX

ERNESTO, CUSTODIO.

CUSTODIO, comprimentando.

Como tem passado? Que ha de novo?

ERNESTO, ao ouvido.

Que não estou disposto a atura-lo. (Sahe.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

Uma sala elegante em casa de Teixeira, nas Larangeiras.

SCENA PRIMEIRA

JULIA, D. MARIANNA.

D. Marianna lê os jornaes junto á mesa.

JULIA, entrando.

Ernesto ainda não acordou?

D. MARIANNA.

Creio que não.

JULIA.

Que preguiçoso! Nem por ser o ultimo dia que tem de passar comnosco. A's onze horas deve embarcar (Olhando a

pendula.) Ah! meu Deus já são nove! Vou acordal-o!... Sim; elle disse-me hontem que era um dos seus maiores prazeres acordar ao som do meu piano, quando eu estudava minha lição.

D. MARIANNA.

Não tem máo gosto.

JULIA.

Obrigada!... Mas qual é a musica de que elle é mais apaixonado? Ah! a aria da Somnambula! (Abre o piano e toca)

SCENA II

OS MESMOS, ERNESTO.

ERNESTO.

Sinto não ser poeta, minha prima, para responder dignamente a um tão amavel *bom dia*. Como passou D. Marianna.

D. MARIANNA.

Bem; e o Sr.?

JULIA.

Ah! já estava acordado!

ERNESTO.

Ha muito tempo; aproveitei a manhan para fazer uma porção de despedidas que me faltavão. Não se lembra que é hoje sabbado.

JULIA.

É verdade; daqui a pouco.

ERNESTO.

Quiz ficar livre para gozar dessas duas ultimas horas que devemos passar juntos. Fui a Botafogo, a S. Clemente, e ainda voltei á cidade.

JULIA.

Tudo esta manhan?

ERNESTO.

Sim; admira-se? Oh! no Rio de Janeiro póde-se fazer isto. Com essa infinidade de carros sempre ás ordens!...

JULIA, sorrindo.

E que atropellão a gente que anda nas ruas.

ERNESTO.

Aquelles que andão a pé; mas os que vão dentro, vão depressa e commodamente.

D. MARIANNA.

Estimo muito ouvir isto do Sr. (Julia faz á D. Marianna signal de silencio.)

ERNESTO.

Porque, D. Marianna?

JULIA, a Ernesto.

Até logo; agora não tem mais despedidas a fazer.

ERNESTO.

Por isso mesmo não deve deixar-me.

JULIA.

Vou dar algumas ordens; volto já. Uma dona de casa tem obrigações a cumprir, sobretudo quando deve fazer as ultimas honras a um hospede que vai deixal-a. Não me demoro.

ERNESTO.

Olhe lá!

JULIA, sorrindo.

Um minuto! (Sahe.)

SCENA III

ERNESTO, D. MARIANNA.

ERNESTO.

Que graça e elegancia ella tem nos seus menores movimentos; e ao mesmo tempo que simplicidade!... Oh! não ha como as moças do Rio de Janeiro para fazerem de um nada, de uma palavra, de um gesto, um encanto poderoso! Seu espirito anima tudo; onde ellas se achão tudo brinca, tudo sorri, porque a sua alma se communica a todos os objectos que as cercão.

D. MARIANNA.

Que enthusiasmo!

ERNESTO.

E não é justo, D. Marianna?

D. MARIANNA.

Certamente. (Uma pausa.)

ERNESTO.

Como passarão rapidos estes tres mezes! Parecêrão-me um sonho!

D. MARIANNA.

Sim?

ERNESTO.

Oh! tenho-os impressos na memoria hora por hora, instante por instante. De manhan os sons prazenteiros do piano de Julia acordavão-me no fim de um somno tranquillo. Dahi a um instante uma chicara de excellente chocolate confortava-me o estomago, condição essencial para a poesia.

D. MARIANNA.

Ah! Não sabia...

ERNESTO.

Pois fique sabendo, D. Marianna. Esses poetas que se alimentão de folhas de rosas, têm a imaginação pobre e rachitica. Pouco depois dava um passeio com Julia pelo jardim, apanhavamos juntos flôres para os vasos, eu escolhia a mais linda para os seus cabellos, e assim passavamos o tempo até a hora do almoço, em que meu tio ia para a cidade tratar dos seus negocios na Praça... Bella instituição esta da Praça do Commercio! Foi creada expressamente para que os pais e maridos deixassem as

suas filhas e mulheres livres, sob pretexto de tratar dos negocios. A principio aborreceu-me...

D. MARIANNA.

E agora?

ERNESTO.

Agora comprehendo as suas immensas vantagens.

D. MARIANNA.

Ora, Sr. Ernesto, já vê que as velhas do Rio de Janeiro têm sempre algum prestimo.

ERNESTO.

Que quer dizer D. Marianna?

D. MARIANNA.

Quero dizer que uma parenta velha que acompanha uma prima bonita serve não só para fazer-lhe companhia, como para receber as confidencias de um primo apaixonado.

ERNESTO, *rindo.*

Ora!... Não tem razão!

D. MARIANNA.

Não se ria; é serio! (*Sobe.*) Ahi vem um moço que eu não conheço.

ERNESTO.

Ah! Henrique!

D. MARIANNA.

É seu amigo? Deixo-lhe com elle.

SCENA IV

ERNESTO, HENRIQUE.

HENRIQUE.

Aqui me tens ás tuas ordens. Como passas?

ERNESTO.

Bem, meu amigo; peço-te desculpa do incommodo que te dei.

HENRIQUE.

Qual incommodo! Recebi o teu bilhete, dizias que precisavas de mim; fiz o que farias. Vejamos; de que se trata?

ERNESTO.

Desejava pedir-te um obsequio; mas tenho acanhamento; temo abusar da tua amisade.

HERNIQUE.

Escuta, Ernesto. Nós aqui no Rio de Janeiro costumamos ser francos; quando um amigo precisa de outro, pede; se elle póde, satisfaz; senão, diz abertamente : e nem por isso deixão de estimar-se da mesma maneira.

ERNESTO.

Tu me animas; vou dizer-te tudo.

HENRIQUE.

É o meio de nos entendermos.

ERNESTO.

Sabes que ainda sou estudante, e por conseguinte não tenho grande abundancia de dinheiro; vindo passar aqui as ferias, julguei que a mesada que meu pai me dava chegasse para as minhas despesas. Mas na côrte são tantos os prazeres e divertimentos, que quanto se tenha, gasta-se; e gasta-se mesmo mais do que se tem. Foi o que me succedeu.

HENRIQUE.

Fizestes algumas dividas? Não é isso?

ERNESTO.

Justamente : procedi mal. Mas que queres? Encontrei no Rio de Janeiro uma cousa que não conhecia senão de nome — o credito ; hoje que experimentei os seus effeitos não posso deixar de confessar que é uma instituição maravilhosa.

HENRIQUE.

Vale mais do que dinheiro!

ERNESTO.

De certo; é a elle que devo ter comprado o que precisava, sem mesmo passar pelo incommodo de pagar. Mas agora vou retirar-me para S. Paulo, e não desejava que viessem incommodar meu tio, além de que seria desairoso para mim partir sem ter saldado essas contas.

HENRIQUE.

Tens razão; um homem honesto póde demorar por ne-

cessidade o pagamento de uma divida; mas não deve fugir de seu credor.

ERNESTO.

Quiz a principio fallar a meu tio, mas tive vergonha de tocar nisso; resolvi-me recorrer a ti.

HENRIQUE.

Em quanto importão essas dividas?

ERNESTO.

Não chegão a cem mil réis.

HENRIQUE.

Ora! uma bagatella. Aqui tens.

ERNESTO.

Obrigado, Henrique, não fazes idéa do serviço que me prestas! Vou passar-te um recibo ou um vale...

HENRIQUE.

Que lembrança, Ernesto! Não sóu negociante; tiro-te de um pequeno embaraço; quando puderes me pagarás. Não ha necessidade de papel e tinta em negocios de amisade.

ERNESTO.

A tua confiança ainda mais me penhora. Entretanto mesmo para tranquillidade minha desejava...

HENRIQUE.

Não fallemos mais nisso. Quando embarcas?

ERNESTO.

Hoje; daqui a duas horas.

HENRIQUE.

Pois se não nos virmos mais, conta que aqui tens um amigo.

ERNESTO.

Eu te escreverei.

HENRIQUE.

Se é por simples attenção, não tomes esse incommodo; escreve-me quando precisares de qualquer cousa.

ERNESTO.

Ora, graças a ti, estou livre de uma grande inquietação!... Mas quero confessar-te uma injustiça que commetti para comtigo, e de que me accuso.

HENRIQUE.

Como assim?

ERNESTO.

Quando vi os moços aqui da côrte, com seu ar de pouco caso, julguei que não passavão de espiritos levianos! Hoje reconheço que sob essa apparencia frivola, ha merecimento real e muita nobreza de caracter. Tu és um exemplo. A principio, desculpa, mas tomei-te por um sujeito que especulava sobre a amisade para a emissão de bilhetes de beneficio e de poesias ineditas!

HENRIQUE, rindo-se.

E mais é que ás vezes assim é necessario! Não podemos recusar certos pedidos!...

SCENA V

OS MESMOS, CUSTODIO.

CUSTODIO, na porta.

Muito bons dias tenhão todos nesta casa.

ERNESTO.

Oh! Ahi vem o nosso compadre com o seu eterno *que ha de novo?* (A Custodio.) Bom dia, Sr. Custodio, como vai?

CUSTODIO.

Bem, obrigado! Vai-se arrastando a vida emquanto Deus é servido. Que ha de novo?

ERNESTO.

Tudo é velho; alli estão os jornaes, mas não trazem cousa de importancia.

CUSTODIO.

Conforme o costume. (A Henrique.) Tem passado bem: Que ha...

HENRIQUE.

Nada, Sr. Custodio, nada absolutamente.

Custodio vai sentar-se á mesa e lê os jornaes.

ERNESTO, a Henrique.

Nas provincias não se encontra essa casta de bipedes implumes, que vivem absorvidos com a politica, esperando antes de morrer ver realisada uma especie de go-

verno que sonhárão e que se parece com a republica de Platão!... Eis o verdadeiro typo da raça desses fosseis da Independencia e do Sete de Abril. Cincoenta annos de idade, empregado aposentado, bengala, caixa de rapé e gravata branca. Não tem outra occupação mais do que ler os jornaes, perguntar o que ha de novo e queixar-se da immoralidade da época.

HENRIQUE.

Servião outr'ora para parceiro de gamão nas boticas.

CUSTODIO, lendo.

Oh! Cá temos um artiguinho de opposição!... Começa! Já era tempo! Com este ministerio não sei onde iremos parar.

ERNESTO, a Henrique.

Agora eil-o ferrado com o tal artigo!... Bom homem! Quando eu queria conversar com Julia, nós o chamavamos sempre. Assim eramos tres, e ao mesmo tempo estavamos sós; porque, agarrando-se a um jornal, não ouve, fica cego. Podia apertar a mão de minha prima que elle não percebia!

HENRIQUE.

Esta habilidade não sabia que elles tinhão.

ERNESTO.

Pois recommendo-te!

HENRIQUE.

Fica ao meu cuidado. Adeus; dá cá um abraço; até a volta.

ERNESTO.

Adeus, Henrique, lembra-te dos amigos. (Quer seguil-o.)

HENRIQUE.

Não te incommodes.

SCENA VI

ERNESTO, CUSTODIO, TEIXEIRA, JULIA.

CUSTODIO.

Isto é um desaforo!... Como é que um governo se anima a praticar semelhante cousa na capital do imperio?

TEIXEIRA.

Que é isto, compadre! Porque está tão zangado? Ernesto, como passastes a noite?

ERNESTO.

Bem, meu tio.

CUSTODIO.

Pois não leu? Creou-se uma nova repartição! Um bom modo de arranjar os afilhados! No meu tempo havia menos empregados e trabalhava-se mais. O Real Erario tinha dezesete, e fazia-se o serviço perfeitamente!

TEIXEIRA.

Que quer, compadre? É o progresso.

CUSTODIO.

O progresso da immoralidade

Teixeira toma um jornal sobre a mesa; Custodio continua a ler; Ernesto approxima-se de Julia.

ERNESTO.

Um minuto!... Foi um minuto com privilegio de hora!

JULIA.

Acha que me demorei muito?

ERNESTO.

Inda pergunta! E agora está ahi meu tio, não teremos um momento de liberdade!

JULIA.

Sente-se! Podemos conversar.

ERNESTO.

Preferia que conversassemos sem testemunhas!

JULIA.

Tenha paciencia, não é culpa minha.

ERNESTO.

É de quem é, Julia? Se não se demorasse!

SCENA VII

OS MESMOS, AUGUSTO.

AUGUSTO.

Com licença!

TEIXEIRA.

Oh! Sr. Augusto!

AUGUSTO.

Minha Senhora! Meus Srs!... Como passou de hontem, Sr. Teixeira? Peço desculpa da hora impropria...

TEIXEIRA.

Não tem de que! Estou sempre ás suas ordens.

AUGUSTO.

Como me disse que talvez não fosse hoje á cidade...

TEIXEIRA.

Sim; por causa de meu sobrinho que embarca ás onze horas.

AUGUSTO.

Assentei de passar por aqui, para saber o que decide sobre aquellas cem acções. Talvez hoje tenhão subido, mas em todo o caso não é bom fiar. Se quer o meu conselho, — Estrada de Ferro, — Estrada de Ferro, — e largue o mais. Rua do Cano nem de graça! Seguros estão em completa oscillação.

TEIXEIRA.

O Sr. póde demorar-se cinco minutos?

AUGUSTO.

Como? Mais que o Sr. queira; apezar de que são quasi dez horas, e ás onze devo fechar uma transacção importante. Mas temos tempo...

TEIXEIRA.

Pois então faça favor; passemos ao meu gabinete; quero incumbir-lhe de uns dois negocios que podem ser lucrativos.

AUGUSTO.

Vamos a isso! Minha Sra.! Meus Srs.! É sobre estradas de ferro?

SCENA VIII

ERNESTO, CUSTODIO, JULIA.

CUSTODIO.

Estrada de ferro! Outra mania! No meu tempo viajava-se perfeitamente daqui para Minas, e as estradas erão de terra. Agora querem de ferro! Naturalmente para estragar os cascos dos animaes.

ERNESTO.

Tem razão, Sr. Custodio, tem toda a razão!

JULIA, á meia voz.

Vá, vá excital-o, depois não se queixe, quando armar uma das suas questões interminaveis.

ERNESTO.

É verdade! Mas fiquei tão contente, quando meu tio sahio, que não me lembrei que estavamos sós. Diga-me uma cousa, prima; que profissão tem este Sr. Augusto?

JULIA.

É um zangão!

ERNESTO.

Estou na mesma. Que emprego é esse?

JULIA.

Eu lhe explico. Quando passeiavamos pelo jardim, não se lembra que ás vezes paravamos diante dos cortiços de vidro que meu pai mandou preparar, e escondidos entre as folhas levavamos horas e horas a vêr as abelhas fabricarem os seus favos?

ERNESTO.

Lembro-me; e por signal que uma tarde uma abelha fez para mim um favo de mel mais doce do que o seu mel de flores. Tomou a sua face por uma rosa, quiz mordel-a; a Sra. fugio com o rosto, mas eu que nunca volto a cara ao perigo, não fugi... com os labios.

JULIA, confusa.

Está bom, primo! Ninguem perguntou-lhe por esta historia! Se quer que lhe acabe de contar, cale a bocca.

ERNESTO.

Estou mudo como um deputado governista. Vamos ao zangão!

JULIA.

Emquanto estavamos embebidos a olhar aquelle trabalho delicado, viamos um besouro parecido com uma abelha, que entrava disfarçado no cortiço; e em vez de trabalhar chupava o mel já fabricado. Não via?

ERNESTO.

O que eu me recordo ter visto perfeitamente erão dois olhosinhos travessos...

JULIA, batendo o pé.

Via sim; eu lhe mostrei muitas vezes.

ERNESTO.

Está bom! Já que deseja, confesso que via; via com seus olhos!

JULIA.

Pois supponha que a Praça do Commercio é uma colmeia; e que o dinheiro é um favo de mel. Este sujeito que sahio daqui é o besouro disfarçado, o zangão. Os corretores arranjão as transacções, dispoem os negocios; vem o zangão e atravessa os lucros.

ERNESTO.

Comprehendo agora o que é o zangão; é uma excellente profissão para quem não tem nada que fazer, e demais bastante util para a sociedade.

JULIA.

Util em que?

ERNESTO.

Oh! Se não fosse elle, ficariamos sós? Se não fosse elle, meu tio estaria ainda aqui, querendo por força provar-me que a desgraça dos Fluminenses provém de não haver mais trovoadas! Querendo convencer-me que as maravilhas do Rio de Janeiro são a laranja selecta, o badejete, a farinha de Suruhy e a agua da Carioca! Sim! É uma profissão muito util! Aconselharei a todos os meus amigos que desejarem seguir o commercio, se fação zangãos da praça!...

JULIA.

Então é nisso que está a grande utilidade...

ERNESTO.

Mas seriamente, prima; essa profissão facil e lucrativa é uma carreira aberta á mocidade, que pretenda seguir a vida commercial.

CUSTODIO.

Vou até a cidade! Já passaria o omnibus das dez?

JULIA.

Não sei, Sr. Custodio; mas o senhor não almoça comnosco?

CUSTODIO.

Almoçar a esta hora! Obrigado!... Sr. Ernesto, boa viagem!

ERNESTO.

Adeus, Sr. Custodio.

CUSTODIO.

Dê-nos noticias suas. Sem mais... D. Julia!

SCENA IX

ERNESTO, JULIA.

JULIA.

Então, meu primo, ainda não me disse se leva saudades do Rio de Janeiro?

ERNESTO.

É preciso que lhe diga, Julia!

JULIA.

Naturalmente não sente deixar a côrte; não achou aqui attractivos que o prendessem; viu uma grande cidade, é verdade; muita gente, muita casa, muita lama.

ERNESTO.

Sim, mas no meio desse vasto montão de edificios, encontra-se aqui e alli um *oasis* magnifico, onde a vida é um sonho, um idylio; onde nada falta para a commodidade da existencia e o gozo do espirito; onde apenas se fórma um desejo, elle é logo satisfeito. Vi alguns desses paraisos terrestres, minha prima, e vivi tres mezes em um delles, aqui nas Larangeiras, nesta casa...

JULIA.

Não exagere, não é tanto assim; ha algumas casas bonitas com effeito, mas a cidade em si é insupportavel; não se póde andar pelas ruas sem ver-se incommodado a cada momento pelas carroças, pelos empurrões dos que passão.

ERNESTO.

Que tem isso? Essa mesma confusão tira a monotonia do passeio. Demais, quando se anda pela rua do Ouvidor, como andámos tantas vezes, todos esses contratempos são prazeres. O susto de um carro faz com que a moça que nos dá o braço se recline sobre nós; um sujeito que impede a passagem dá um pretexto para que se pare e se torne o passeio mais longo.

JULIA.

Ao menos não negará uma cousa; e é que temos uma verdadeira praga aqui no Rio de Janeiro.

ERNESTO.

Qual, prima?... Não sei.

JULIA.

Os beneficios.

ERNESTO.

Não diga isto, Julia. Que cousa mais bella, do que as pessoas que vivem na abastança protegerem divertindo-se aquelles que necessitão e são pobres! O prazer eleva-se á nobreza da virtude; o dinheiro que o rico es-

perdiça para satisfazer os seus caprichos, transforma-se em offerta generosa, mas nobremente disfarçada, que anima o talento do artista e allivia o soffrimento do enfermo; a caridade evangelica torna-se uma instituição social. Não; não tem rasão, prima! Esses beneficios, que a Sra. censura, formão um dos mais bellos titulos do Rio de Janeiro, o titulo de cidade generosa e hospitaleira.

JULIA.

Não sei por que, meu primo, o Sr. vê tudo agora de bons olhos. Por mim confesso-lhe que, apezar de ser filha daqui, não acho na côrte nada que me agrade. O meu sonho é viver no campo; a côrte não tem seducções que me prendão.

ERNESTO.

Ora, Julia, pois realmente não ha no Rio de Janeiro nada que lhe agrade?

JULIA.

Nada absolutamente. Os passeios nos arrebaldes são um banho de poeira; os bailes uma estufa; os theatros uma semsaboria.

ERNESTO.

Como se diz isto, meu Deus! Póde haver cousa mais linda do que um passeio ao Corcovado, donde se vê toda esta cidade, que merece bem o nome que lhe dérão de — *princeza do valle?* Póde haver nada de mais encantador do que um baile do Club? Que noites divertidas não

se passa no Theatro Lyrico, e mesmo no Gymnasio, onde fomos tantas vezes?

JULIA.

Fui por comprazer, e não por gostar. Acho tudo isto tão insipido! Mesmo as moças do Rio de Janeiro...

ERNESTO.

Que tem?

JULIA.

Não são moças. São umas bonecas de papelão, uma armação de arames.

ERNESTO.

Mas é a moda, Julia. Que remedio tem ellas senão usar? Hão de fazer-se exquisitas? Demais, prima, quer que lhe diga uma cousa? Essas saias balões cheias de vento têm uma grande virtude.

JULIA.

Qual é?

ERNESTO.

Fazer com que um homem acredite mais na realidade e não se deixe levar tanto pelas apparencias.

JULIA.

Não o entendo; é charada.

ERNESTO.

Ora! Está tão claro! Quando se dá a um pobre um vintem de esmola, elle recebe e agradece; mas, se lhe de-

rem uma moeda que pareça ouro, desconfiará. Pois o mesmo me succede com a moda. Quando vejo uma crinolina, digo com os meus botões — « é mulher ou póde ser. » Quando vejo um balão; não tem duvida: — « é saia, e saia unicamente!

JULIA.

Pelo que vejo, não ha nada no Rio de Janeiro, ainda mesmo o que é ruim, que não tenha um encanto, uma utilidade para o senhor, meu primo? Na sua opinião é uma terra excellente.

ERNESTO.

Diga um paraiso, um céo na terra! (Julia dá uma gargalhada.) De que ri-se, Julia?

JULIA.

Muito bem! Eis onde eu queria chegar. Ha tres mezes, no primeiro dia em que veiu morar comnosco, tivemos uma conversa perfeitamente igual a esta; com a differença que então os papeis estavão trocados; o senhor achava que o Rio de Janeiro era um inferno.

ERNESTO.

Não me falle desse tempo! Não me lembro delle! Estava cego!

JULIA.

Bem; o que eu desejava era vingar a minha terra. Estou satisfeita; esqueço tudo o que houve entre nós.

ERNESTO.

Como! Que diz, Julia? Não, é impossivel! Esses tres

mezes que se passárão, esses tres mezes de felicidade, foi apenas uma vingança de sua parte?

JULIA.

Apenas.

ERNESTO, despeitado.

Oh! Obrigado, prima.

JULIA.

Não tem de que, meu primo; jogamos as mesmas armas; o senhor ganhou a primeira partida, eu tomei a minha desforra.

ERNESTO.

Eu ganhei a primeira partida! De que maneira? Acreditando na senhora.

JULIA.

Fazendo que eu chegasse a aborrecer o meu bello Rio de Janeiro, tão cheio de encantos; que achasse feio tudo quanto me agradava; que desprezasse os meus theatros, as minhas modas, os meus enfeites, tudo para...

ERNESTO.

Para... Diga, diga, Julia!

JULIA.

Tudo para satisfazer um capricho do senhor; tudo por sua causa! (Foge.)

ERNESTO.

Ah! perdão!... A vingança foi doce ainda; mas agora

vou soffrer uma mais cruel. Oito mezes de saudade e ausencia!...

JULIA.

Para quem tem uma memoria tão fraca... Adeus! Adeus!

ERNESTO.

Ainda uma accusação.

JULIA.

E se fosse um receio! (Sahe de repente.)

ERNESTO, seguindo-a.

Julia! Escute, prima!

SCENA X

AUGUSTO, D. LUIZA.

AUGUSTO, na porta, a Teixeira.

Sim, senhor; póde contar que hoje mesmo fica o negocio concluido? Vou hoje á praça. Quinze e quinhentos, o ultimo.

D. LUIZA.

O senhor faz obsequio de ver este papel?

AUGUSTO.

Acções?... De que companhia? Estrada de ferro? Quantas? A como? Hoje baixárão.

D. LUIZA.

Qualquer cousa me serve! Pouco mesmo! Oito filhinhos...

AUGUSTO.

Uma subscripção!... Não tem cotação na praça.

D. LUIZA.

Uma pobre viuva...

AUGUSTO.

É firma que não se desconta. Com licença!

D. LUIZA.

Para fazer o enterro de meu marido! A empreza funeraria...

AUGUSTO.

Não tenho acções desta empreza; creio mesmo que ainda não foi approvada. Naturalmente alguma especulação... Passe bem!

SCENA XI

D. LUIZA, TEIXEIRA.

TEIXEIRA, atravessando a sala.

Hoje não nos querem dar almoço.

D. LUIZA.

Sr. Teixeira!

TEIXEIRA.

Viva, senhora.

D. LUIZA.

Vinha ver se me podia dar alguma cousa!

TEIXEIRA.

Já? Pois acabou-se o dinheiro que lhe dei?

D. LUIZA.

O pecurrucho faz muita despesa! É verdade que o Snr. não tem obrigação de carregar com ellas! Mas seu amigo, o pai da criança não se importa...

TEIXEIRA.

Quem lhe diz que não se importa? Tem familia, deve respeitar as leis da sociedade; demais, sabe que eu tomei isto a mim.

D. LUIZA.

Sim, senhor.

TEIXEIRA

Espere: vou dar-lhe dinheiro.

SCENA XII

ERNESTO, D. LUIZA.

ERNESTO.

Oito mezes sem vel-a!

D. LUIZA.

V. S. ainda não leu este papel.

ERNESTO.

Já vi a Senhora... Sim e por signal que... Póde guardar o seu papel; sei o que elle contém; uma historia de oito filhinhos.

D. LUIZA.

Nus-os pobresinhos, sem ter o que comer.

ERNESTO.

Não me logra segunda vez.

D. LUIZA.

Mas V. S. talvez precise de uma pessoa...

ERNESTO.

Onde mora a Senhora?

D. LUIZA.

Rua da Guarda Velha n. 175; se o senhor deseja alguma commissão, algum recado... estou prompta.

ERNESTO.

Diga-me; se eu lhe mandasse de S. Paulo por todos os vapores uma carta para entregar a uma moça, dentro de uma sua, a Senhora entregava?

D. LUIZA.

Ora, na carreira; com tanto que a carta de dentro viesse com o porte pago.

ERNESTO.

Ha de vir; um bilhete de 5$000.

D. LUIZA.

Serve; póde mandar.

ERNESTO.

Pois então está dito; deixe-me tomar a sua morada.

D. LUIZA.

Não precisa; leve esse papel.

ERNESTO.

E a senhora fica sem elle?

D. LUIZA.

Tenho outro. Essa historia de viuva já está muito velha, agora sou mulher de um entrevado.

ERNESTO.

Que mulher impagavel! Isto só se encontra aqui no Rio de Janeiro. Oh! agora! Posso escrever-lhe a Julia.

SCENA XIII

OS MESMOS, JULIA, depois TEIXEIRA.

ERNESTO, a Julia.

Sabe? Estou alegre.

JULIA.

Porque?

ERNESTO.

Achei uma maneira de escrever-lhe de S. Paulo sem que meu tio saiba.

JULIA.

Oh! não, meu primo! Não posso receber!...

ERNESTO.

Mas então quer que passemos oito mezes sem ao menos trocar uma palavra?

JULIA.

Se houvesse outro meio...

ERNESTO.

Que melhor do que uma carta innocente?...

JULIA.

Sem consentimento de meu pai?... Não!

ERNESTO.

Então eu fallo a meu tio logo de uma vez, e está acabado. Quer?

JULIA.

Não sei. Faça o que entender.

ERNESTO.

Espere! Mas não sei como hei de dizer-lhe isto.

Entra Teixeira e dá dinheiro a Luiza.

TEIXEIRA.

Aqui tem; creio que isto é sufficiente para um mez; portanto não me appareça antes.

D. LUIZA.

Sim, senhor, obrigado. (A Julia.) Minha senhora! (Baixo a Ernesto.) O dito, dito.

ERNESTO.

Sim!

SCENA XIV

TEIXEIRA, ERNESTO, JULIA.

JULIA.

Não sei papai porque ainda dá dinheiro a esta velha? É uma vadia!

TEIXEIRA.

Uma pobre mulher! Para que Deus deu aos abastados senão para esperdiçar com os que não têm?

ERNESTO.

Se o Sr. compromette-se a fazer aceitar esta theoria, meu tio, declaro que me inscrevo no numero dos pobretões.

TEIXEIRA.

Já mandaste deitar o almoço, Julia?

JULIA.

Já dei ordem, papai.

TEIXEIRA.

Ernesto precisa almoçar quanto antes, pois não lhe resta muito tempo para embarcar.

JULIA.

Não é ás onze horas?

TEIXEIRA.

Sim, e já são dez. (Sobe.)

ERNESTO, baixo a Julia.

Não a deixo senão no ultimo momento; hei de aproveitar um minuto.

JULIA, baixo a Ernesto.

Um minuto nessas occasiões vale uma hora.

TEIXEIRA, descendo.

Agora, Ernesto, tão cedo não te veremos por cá!

ERNESTO.

Daqui a oito mezes estou de volta, meu tio.

TEIXEIRA.

Pois não! Teu pai, na ultima carta que me escreveu, disse que estava arrependido depois que consentira em que viesses ao Rio, e que pelo gosto delle não voltarás tão cedo. Queixa-se porque tens gasto muito!

JULIA.

Ah!

ERNESTO.

Meu pai disse isto?

TEIXEIRA.

Posso mostrar-te a carta.

ERNESTO.

Paciencia. Elle está no seu direito.

TEIXEIRA.

Agora é tratares de te formar, e ganhar uma posição; poderás fazer o que te aprouver. (Sobe.) Nada de almoço.

JULIA, baixo.

Quando nos veremos!

ERNESTO.

Quem sabe! Talvez meu pai...

JULIA.

Um anno... dois talvez...

ERNESTO, com ironia.

É muito para esperar, não é, prima?

JULIA, sentida.

Não, Ernesto; mas é muito para soffrer!

SCENA XV

OS MESMOS, FELIPPE.

FELIPPE.

Alviçaras! Alviçaras! n. 1221! Sorte grande! Premiado! Alviçaras! n. 1221.

TEIXEIRA.

Que louco é este?

ERNESTO.

Está damnado!

FELIPPE.

Enganado, não! Numero 1221! Sorte grande'

TEIXEIRA.

O que quer o Sr.?

FELIPPE.

As minhas alviçaras.

TEIXEIRA.

Mas pelo que? Explique-se.

FELIPPE.

Pelo bilhete que vendi ao Sr. (aponta para Ernesto) e que sahio premiado.

ERNESTO.

A mim? É engano.

FELIPPE.

Engano! Não é possivel! Hontem, na rua do Ouvidor, em casa do Wallerstein; por signal que o Sr. estava comprando uns coraes, justamente aquelles! (Aponta para o collo de Julia, a qual volta-se confusa.)

ERNESTO.

Tem razão, nem me lembrava; deve estar na carteira. Eil-o! Numero mil duzentos...

FELIPPE.

E vinte um! Não tem que vêr, é o mesmo. Não me engaño nunca!

ERNESTO.

Assim, este papel... eu tirei?...

FELIPPE.

A sorte grande... É meio bilhete! Pertence-lhe nove contos e duzentos!

ERNESTO.

Nove contos! Sou rico! Tenho dinheiro para vir ao Rio de Janeiro, ainda que meu pai não consinta.

TEIXEIRA.

Agora vai gastal-os em extravagancias!

ERNESTO.

Pois não! Servirão para me estabelecer aqui; montar minha casa. Quero uma linda casinha como esta, um retiro encantador, onde a vida seja um sonho eterno! (A Julia, baixo.) Onde recordaremos os nossos tres mezes de felicidade!

TEIXEIRA.

Vamos; despacha este homem.

ERNESTO.

Tome, meu tio; tome o bilhete e arranje isto como entender. Vm. me guardará o dinheiro.

Teixeira e Felippe sobem; Teixeira examina o bilhete.

JULIA, a Ernesto.

Como a felicidade vem quando menos se espera! Ha pouco tão tristes!

ERNESTO.

É verdade! E se soubesse como isto me cahiu do céo? Nem me passava pela idéa semelhante cousa, quando este homem começou a importunar-me de tal maneira, que tomei-lhe o bilhete para ver-me livre da massada. É só a elle que devo a fortuna.

JULIA, sorrindo.

Eis então mais uma vantagem do Rio de Janeiro.

ERNESTO, sorrindo.

Tem razão!

TEIXEIRA, a Felippe, dando-lhe dinheiro.

Tome; como alviçaras basta.

FELIPPE.

Obrigado! (Desce a scena, a Ernesto.) Então, um meio, um inteiro, um quarto? Emquanto venta, molha-se a vella.

ERNESTO.

Agradeço; não sou ambicioso. Quero deixar a sorte grande tambem para os outros.

FELIPPE.

E a Sra. e o Sr...? Um meio?... Tenho justamente o numero premiado.

TEIXEIRA.

Nada, nada; já comprámos!

FELIPPE.

A's suas ordens. (Sahe.)

SCENA XVI

TEIXEIRA, ERNESTO, JULIA.

TEIXEIRA.

Ora emfim, vamos almoçar.

ERNESTO.

Espere, meu tio, tenho uma palavra a dar-lhe.

TEIXEIRA.

Pois então já; uma palavra custa pouco a dizer.

ERNESTO, baixo a Julia.

Sim! Porém a mim custa mais do que um discurso!

JULIA, baixo a Ernesto.

Que vai fazer? Ao menos deixe-me retirar.

ERNESTO, baixo a Julia.

Para que?

JULIA, baixo a Ernesto.

Morro de vergonha.

TEIXEIRA.

Então? A tal palavra? Estão combinados? Tu sabes o que é, Julia?

JULIA, *vexada.*

Eu, papai!... Não, Sr.

TEIXEIRA.

Ora, tu sabes! Ficaste corada.

JULIA.

Foi porque Ernesto riu-se.

TEIXEIRA, *a Ernesto.*

Fallas ou não?

ERNESTO.

Tenho a palavra aqui atravessada na garganta! Lá vai!

TEIXEIRA.

Ainda bem! O que é?

ERNESTO.

Escute, meu tio. Éééé...

TEIXEIRA.

É...

ERNESTO.

Quêêêêê...

TEIXEIRA.

Já vejo que é preciso ajudar-te! É que...

ERNESTO.

Euuu... (Julia faz signal que não.) Quero...

TEIXEIRA.

Ah! Queres brincar? Pois não estou para te aturar. (Sobe.)

SCENA XVII

OS MESMOS, D. MARIANNA, depois PEREIRA.

D. MARIANNA, entrando.

Então, por quem se espera? São quasi dez horas.

TEIXEIRA.

Vamos, D. Marianna.

ERNESTO, a Julia, baixo.

Está tudo perdido.

PEREIRA.

Permittão o ingresso. O Sr. Teixeira?

TEIXEIRA.

Um seu criado. O que pretende o Senhor?

PEREIRA.

Tomei a liberdade de offerecer á V. Ex. esta minha producção poetica por occasião do fausto motivo que enche hoje esta casa de jubilo.

TEIXEIRA.

Não tenho excellencia; nem o comprehendo. Queira explicar-se.

PEREIRA.

Com muito gosto. A minha veia poetica inspirou-me este epithalamio que offereço ao doce hymenêo, ás nupcias venturosas, ao feliz consorcio da senhora sua filha com o senhor seu sobrinho. (Espanto geral.)

JULIA, escondendo o rosto.

Ah!...

ERNESTO.

Bravo!

D. MARIANNA.

Calumnias, Sr. Teixeira!

TEIXEIRA.

O consorcio de minha filha com meu sobrinho!... O senhor está louco!

PEREIRA, a Teixeira.

É verdade que alguns espiritos mesquinhos chamão os poetas de loucos, porque não os comprehendem; mas V. Ex. não está neste numero.

TEIXEIRA.

Entretanto o senhor vem com um desproposito! Onde ouviu fallar de casamento de minha filha?

PEREIRA.

Ha muito tempo sabia que o senhor seu sobrinho e a senhora sua filha se amão ternamente...

TEIXEIRA, olhando Julia e Ernesto cabisbaixos.

Se amão ternamente!... (A Pereira.) E que tem isto? Quando mesmo fosse verdade, é natural; são moços, são primos...

PEREIRA.

Por isso, sendo hoje um sabbado, e não tendo V. Ex. ido á Praça, conjecturei que as bodas, a feliz união dos dois corações...

TEIXEIRA.

Pois conjecturou mal; e para outra vez seja mais discreto em não intrometter-se nos negocios de familia.

PEREIRA.

E a poesia?... V. Ex. não a recebe?

TEIXEIRA.

Leve a quem a encommendou; elle que lhe pague! (Voltando-lhe as costas.)

ERNESTO, baixo a Pereira.

É justo que seja eu que aproveitei. O senhor não sabe o serviço que me prestou. (Dando-lhe um bilhete.) Tome e safe-se quanto antes.

PEREIRA.

Entendo!

ERNESTO, a Julia e D. Marianna.

Sublime raça que é esta dos poetas! Sem o tal Sr. Pereira ainda estava engasgado com a palavra, e elle achou uma porção de synonimos; consorcio, feliz união, bodas, nupcias, hymeneu e não sei que mais...

PEREIRA, a Teixeira.

Peço a V. Ex. queira desculpar.

TEIXEIRA.

Está bom, Sr., não fallemos mais nisto.

PEREIRA.

Passar bem. (Sahe.)

SCENA XVIII

TEIXEIRA, ERNESTO, JULIA, MARIANNA, depois CUSTODIO.

JULIA, a D. Marianna.

Não tenho animo de olhar para meu pai!

D. MARIANNA.

Elle não foi moço? Não amou?

ERNESTO.

Ahi vem o temporal desfeito.

TEIXEIRA.

Com que então ama-se nesta casa; a gente de fóra sabe; e eu sou o ultimo a quem se diz...

ERNESTO.

Perdão, meu tio, não tive animo de confessar-lhe.

TEIXEIRA.

E tu, Julia, que dizes a isto?

D. MARIANNA, a Julia, baixo.

Falle! Não tenha medo!

JULIA.

Papai!...

TEIXEIRA.

Percebo... Queres casar com teu primo, não é? Pois está feito!

JULIA.

Ah!

D. MARIANNA.

Muito bem!

TEIXEIRA, a Ernesto.

Com uma condição porém; não admitto epithalamios, nem versos de qualidade alguma.

ERNESTO.

Sim, meu tio; tudo quanto o Sr. quizer! Hoje mesmo podia ser... É sabbado...

TEIXEIRA.

Alto lá, Sr. estudante! Vá se formar primeiro e volte.

D. Marianna sobe e encontra-se com Custodio.

ERNESTO.

Oito mezes!...

D. MARIANNA, a Custodio.

Voltou?

CUSTODIO.

Perdi o omnibus! O recebedor roeu-me a corda!

ERNESTO, a Julia.

Esperar tanto tempo!

JULIA.

Mas assim é doce esperar.

ERNESTO.

Oito mezes longe do Rio de Janeiro! Que martyrio, meu Deus!

TEIXEIRA, levantando-se.

Vamos! O café já deve estar frio. (Sobe e vê Custodio.) Oh! compadre!

CUSTODIO.

Perdi o omnibus. Que ha de novo?

TEIXEIRA.

Que vamos almoçar.

FIM.